

O IMAGINÁRIO RELIGIOSO DE JOVENS DE UMA REGIÃO OPERÁRIA DA GRANDE BELO HORIZONTE, NOS ANOS 90

Sandra de Fátima Pereira Tosta*

Introdução

Este texto é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada em um bairro operário da cidade de Contagem, na região industrial de Belo Horizonte, entre os anos de 1995 e 1997, cujo objetivo, entre outros, foi identificar e compreender como a *comunidade*, enquanto uma construção simbólica, está presente e é significada no imaginário de jovens de duas comunidades Eclesiais de Base. Em outros termos, busquei analisar os significados e sentidos dessa expressão simbólica compreendida na perspectiva da vida concreta desse grupo social específico em suas vivências cotidianas e experiência religiosa.¹

Segundo François Dosse, o imaginário é um segundo fôlego da história das mentalidades e, para Le Goff, a história do imaginário ganha um lugar cada vez maior no

domínio histórico, na medida em que reconhece-se que imagens, representações, sociedades imaginárias são tão reais quanto outras, ainda que de maneira diferente, segundo uma outra lógica e outra consistência. (Ferreira, 2002)

Tematizada no *locus urbano*, onde é mais comum projetar o imaginário em sua dimensão política, econômica e social, o sagrado, enquanto expressão cultural, acaba se inserindo apenas como uma parte constitutiva das relações múltiplas e diversas que a cidade pode apresentar. Todavia, há que reconhecer que a religião e os modos como as pessoas a experimentam e vivenciam representa lugares de memória onde são tecidas histórias de um determinado tempo de um grupo e sobre uma ima-

* Professora da PUC- Minas, Doutora em Antropologia Social.

gem ou imagens que remontam a acontecimentos passados, reatualizando-os ou projetam expectativas futuras.

Assim, é que o imaginário religioso de jovens lido por nós, não se separa das tantas outras imagens que os sujeitos lhe atribuíram em seus enfrentamentos cotidianos e na criação de mecanismos de inserção na cidade, sobretudo quando são sujeitos oriundos de cidades interioranas ou de regiões rurais. Dito de outro modo, o imaginário religioso atribui e ordena modos de integração dos sujeitos na cidade; mais que isso, está presente na organização do espaço urbano em sua dimensão constitutiva de uma ampla rede de sociabilidades necessária à sobrevivência na cidade, como de resto em qualquer outro espaço.

Desde essa perspectiva e, ainda, assumindo com Durkheim que o imaginário está posto nas representações individuais e coletivas de uma sociedade, é que buscamos a partir de um mergulho e de uma leitura do/no cotidiano de um grupo de jovens, entender os modos como a idéia de *comunidade* é por ele construída e comunicada. E os modos como esse imaginário é estruturado e estruturador de suas experiências no espaço do urbano e da modernidade, e em que lugares e práticas religiosas ele se ancora e pode permanecer.

Entendo que, diferentemente das já consagradas teorias da secularização como modo de explicar a perda de importância da experiência religiosa na sociedade moderna, especialmente nas cidades, esta vem demonstrando uma certa capacidade de permanência em meio a um contexto interpretado por muitos estudiosos como adverso à sua existência. Fato é que, em um tipo de *reencantamento* do mundo, a religião ainda exerce fortemente a função de instaurar e reestruturar relações sociais, repondo ou recompondo ações que constroem mecanismos de integração de grupos na sociedade contemporânea.

Em meio a diversas estratégias que a instituição religiosa engendra face ao seu

enraizamento social, e no caso específico desses estudos, e da religião católica, está o discurso da realização de uma *comunidade universal*, como uma construção posta bi-milenarmente no imaginário da tradição cristã. Contudo, essa não é uma estratégia unilateral por parte da Igreja cuja ação institucional não é por si só suficiente para sua realização. Assim é que a ação religiosa é tomada aqui como encarnada em uma expressão social na qual adquire visibilidade e constitui-se um elemento que se entretetece a outros no imaginário de um grupo social.

Nesse sentido é que é possível entender a expressão religiosa como um sistema de comunicação social estruturado que simboliza eventos, categorias, *status* e enfeixa relações; e os seus rituais como elementos que, ao se realizarem, sintetizam visões de mundo construídas em meio à convivência de expressões culturais múltiplas e multifacetadas. Permitindo-nos, igualmente, reafirmar uma concepção consensual da cultura como sistema simbólico e dinâmico por meio do qual as sociedades humanas atribuem significados diversos à sua experiência e formulam suas concepções, impondo ordens particulares ao mundo.

Isso posto, é na urdidura da história, que a expressão religiosa encarnou o projeto de realização de uma *comunidade* posta no tempo e no imaginário da instituição católica que encontrou seu correspondente no imaginário e no tempo de um grupo de jovens fiéis. Assim é que as Comunidades Eclesiais de Base do bairro Petrolândia adquiriram, do ponto de vista pedagógico e de forma (o tipo de organização), o lugar para realização desse projeto. Afirmo essa correspondência e não equivalência no sentido da permeabilidade simbólica e de uma certa porosidade em que se encontram e se plasmam na realidade o ideário religioso e o imaginário desses jovens.

Em outros termos, o que se pretendeu foi verificar como esse discurso religioso que se pretende universal e emitido em todas as linguagens se particulariza e diferencia, quan-

O imaginário religioso de jovens de uma região operária da grande Belo Horizonte, nos anos 90

Sandra Pereira Tosta

do de sua apropriação por um grupo social que o vivencia em determinadas condições de existência. De que modos esse código é (re)simbolizado e reposto de acordo ou misturado a um repertório cultural preexistente na história e no imaginário desse grupo.

Neste sentido é que busquei na interpretação de representações de um grupo de jovens católicos de um bairro operário da cidade de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, os enredos de um imaginário tecidos com fios tênues e entrelaçados em suas vivências cotidianas. Vivências essas claramente ancoradas ao sentimento de pertença ao catolicismo e, sobretudo, amparadas em uma *comunidade de de sentidos*.

Nas narrativas desses jovens apresentaram-se traços com os quais eles esculpem no tempo sua marca particular e coletiva, na qualidade de sujeitos de um grupo social, compartilhando com essa *coletividade* os sentidos que animam o vivido, que lhe fornece conteúdo significativo, que lhe propicia visibilidade e perenidade na memória.

O entendimento dessa relação, imaginário religioso de jovens na cidade, se põe na configuração teórica formulada e na opção por trilhar os caminhos do imaginário religioso dos jovens aqui pesquisados, através de seus depoimentos orais. Para isso usei da História Oral em sua versão temática, como metodologia de busca desses sujeitos e da compreensão de suas representações acerca de tempos e vivências religiosas na cidade.

Esses jovens, ao rememorar suas experiências individuais e compartilhadas com outros jovens, constroem na lembrança fatos sociais que nos permitem alargar a compreensão dos modos como a experiência religiosa é vivida e por esses significada como uma *comunidade* necessária no contexto de lutas de sua integração na cidade. Então, como a experiência religiosa desses jovens, associada e integrada a outras tantas, estrutura mecanismos forjados em sua percepção do sagrado face à multiplicidade

de apelos e possibilidades que a cidade oferece em termos de sua socialização? Que sentidos são produzidos quando essa experiência se torna densamente simbolizada em uma *comunidade imaginária*?

Dessa perspectiva, é que conhecer o bairro Petrolândia *de dentro* tornou-se condição para verificar tal proposição e interpretar os modos como aquela comunidade é incorporada nas falas desses jovens, a que tipo de referentes ela remete e os possíveis significados que lhe são atribuídos. Explorando melhor, a pesquisa histórica e etnográfica possibilitou compreender a *comunidade* na sua condição elemento que configura essa identidade nativa e interessou na medida que ela se elabora tendo como referente principal a experiência religiosa enraizada nas vivências do cotidiano daqueles jovens. Finalmente, direi que o entendimento daquela *comunidade*, a partir dos modos como o grupo a representa, importou, ainda, por três motivos, pelo menos:

1º) porque é a própria Igreja Católica que revitaliza o termo e o sentido de comunidade, pela via da Teologia da Libertação (a fonte teológica que inspira o movimento das Comunidades Eclesiais de Base) e pela via da interação com setores da sociedade civil - estudantes, lideranças leigas, artistas, intelectuais e políticos em suas diversas dinâmicas de mobilização. Isso ocorreu na década de 70, quando os movimentos sociais que animaram o chamado *trabalho de base* ou *popular*, que tinha por base geográfico-espacial e define, uma comunidade, passavam por um certo refluxo e a Igreja Católica buscou, então, renovar essa expressão. O que implicava, na verdade, a renovação de uma mística sagrada da instituição. Fernandes comenta que a comunidade "neste novo contexto, antes de ser uma expressão sociológica norteadora de projetos sociais, foi pronunciada como 'uma nova forma de ser Igreja'" (FERNANDES, 1994: 37).

2º) porque *comunidade* era uma expressão recorrente no discurso dos jovens e servia todo o tempo como auto-referen-

O imaginário religioso de jovens de uma região operária da grande Belo Horizonte, nos anos 90

Andra Pereira Tosta

ciação a um modo de ser, de conviver e de se organizar. Então, era necessário compreender os significados dessa fala, onde ela estava assentada, se é memória e atualização de algum acontecimento, o reencontro da tradição etc. Enfim, o que é e como este ser *comunidade* diz de uma representação e de uma pertença tão viva e fortemente marcada na fala dos daqueles moços.

3º) porque o estudo da periferia urbana, por serem regiões nas quais se desenvolve uma sociabilidade relativamente segregada (Macedo, 1996) pode permitir que se refaça a idéia dos estudos sobre comunidade. Fato que significa repensar o próprio sentido da comunidade como uma temática que tem de ser retomada não do ponto de vista do discurso dos cientistas e nem nos termos de uma visão elitista sobre o povo. A noção de comunidade não surge só aí, mas nas representações que os pobres, os grupos populares têm construído, sob determinadas circunstâncias, acerca de si mesmos.

Além disso, em sua totalidade, a pesquisa permitiu desenvolver uma antropologia de grupos nas sociedades chamadas complexas, onde não se pode negar que determinadas regiões guardam traços e sentidos claros, mesmo que fragmentados, de identidade entre seus moradores e que estão ancorados, seja na tradição, seja nos limites territoriais que lhes fornecem determinadas configurações e fronteiras. Sobretudo aqueles bairros como o Petrolândia, situados em regiões periféricas constituindo-se num espaço geográfico e cultural no qual uma imensa e heterogênea população se movimenta e partilha usos e costumes arraigados na tradição, que é atualizada e reconstruída coletivamente no decorrer de processos de urbanização e de industrialização aos quais são incorporados.

Orientada por essas premissas, farei referências às duas Comunidades Eclesiais de Base que constituíram parte do universo dessa pesquisa, buscando, porém e fundamentalmente, capturar os sentidos que

emergem dos grupos a elas pertencentes e os mecanismos simbólicos que operam em suas experiências cotidianas e na celebração religiosa.

Cabe ressaltar, por fim, a nossa convicção quanto ao fato da pesquisa - que propicia o mergulho na realidade, reafirmar nosso pensar que o mundo empírico tem esse valor extraordinário que é o de não nos dar respostas sempre, mas de nos inquietar e ajudar a fazer perguntas.

O REPERTÓRIO SIMBÓLICO LOCAL E A CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE NO IMAGINÁRIO DOS JOVENS

O propósito é descrever e interpretar o ritual religioso na exegese nativa de sua simbologia, a construção da "comunidade" na percepção dos jovens. Depois de ouvir nossos informantes e com eles conversar sobre sua trajetória, convidamo-los a colocar-se como organizadores e participantes da missa e do culto. Alguém que faz esses rituais e deles compartilha; e que estabelece classificações, dota de significações e incorpora visões de mundo a partir dessa experiência religiosa. Lembrando que a celebração dos rituais da missa e do culto, interpretada por nós, está claramente situada no quadro de uma *comunidade* compreendida como um espaço construído e existente no imaginário dos jovens integrantes das comunidades de base de Aparecida e de Guadalupe. Por isto é importante reter e entender como se dá essa construção do ponto de vista nativo, ao que ela remete em seu mundo vivido. Interpretando o conjunto das representações formuladas pelo grupo, posso afirmar que a noção de *comunidade* construída no discurso dos jovens baseava-se fundamentalmente em três eixos:

- 1º- resgate de uma memória de tempo e espaço imaginários e passados;
- 2º- projeto de orientação da Igreja local e ao qual eles aderem e (re)significam
- 3º- mecanismo de adaptação na vida urbana.

O imaginário religioso de jovens de uma região operária da grande Belo Horizonte, nos anos 90

Sandra Pereira Tos

DÍALOGO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Em uma primeira aproximação das falas dos informantes, a comunidade aparece como se fosse uma entidade concreta, como se tivesse uma existência real e exterior a eles próprios. Todavia, como anota Macedo (1986), esses informantes aprendem e aprendem pela prática da participação que eles é que são a comunidade, construída cotidianamente, na busca de elementos de agregação e de não isolamento, em cuja referência principal estão a fé e a experiência.

Leiamos na fala de alguns deles:

eu gosto de viver em comunidade, né, gosto demais de viver em comunidade, sempre tive uma tendência muito grande de viver em comunidade (...) eu não gosto de viver sozinha ...

eu acho que a missa é o momento que você está em comum com Deus e com o próximo também, né ! Então eu gosto muito de participar por isso eu não gosto de ficar sozinha ...

A possibilidade de organização da comunidade se vincula à articulação entre a fé e a vida, como preceito que, aliás, é fundante da idéia da comunidade eclesial de base que se torna, na verdade, uma realização dessas duas dimensões. A crença orientada para uma ação; a fé respaldada na vida concreta e por ela:

através da fé a gente consegue muitas coisas que eu acho que, assim, através de nossa fé nós temos força pra lutar pra continuar nossa luta; é importante a gente ter educação de fé e vida porque eu acho que a fé sem obras é menor, então eu acho que pra gente ter uma fé, ter uma religião como você já sabe, a gente tem que lutar pra melhorias da gente, pelo bem-estar da gente; então eu acho que através dessa fé a gente tem mais força pra continuar a nossa luta o nosso trabalho dia-a-dia.

nós que fazemos parte de uma comunidade, eu acho que qualquer cidadão brasileiro hoje faz parte de uma política, a nossa vida se torna uma política; então eu acho que tem que ter uma ligação sim.

Da mesma forma, o tempo da celebração é o tempo da celebração dessa comunidade, um tempo em que se suspendem as relações outras, de fora dos rituais, para neles fortalecer o sentido de grupo e de pertença a esse grupo. O entendimento da comunidade ocorre, ainda, como se ela fosse um prolongamento da instituição familiar e sua continuação num tempo ligado à vida progressiva no interior (na cidade ou na roça) é recorrente na fala dos jovens entrevistados:

a minha família grande que é a comunidade é que me ajuda a superar essas coisas. Elas é - nossa comunidade parece o interior. Tudo que passa na comunidade a gente fica sabendo.

Sessenta pessoas mais ou menos estão ligadas a essa comunidade. Guadalupe foi uma muda de Petrolândia em terra fértil.

Nessa comunidade quase se agente pudesse apontar, são pessoas que se tornou parte da vida, como se fosse de minha família, que eu considero.

NA EXPRESSÃO DO IMAGINÁRIO DA COMUNIDADE, UM MODO DE SER IGREJA E DE EXERCER A CIDADANIA

A noção de comunidade liga-se também a um projeto e à orientação de uma igreja católica local identificada com o chamado setor progressista dessa Igreja no Brasil. É uma paróquia que procura se estruturar de modo mais descentralizado e participativo e que tem na organização do povo a chave de sua dinâmica. Um modo de ser igreja diferente de experiências vividas anteriormente, e assim percebido por alguns jovens:

por que onde eu participei eu comecei a criticar muito [referindo-se a uma paróquia de outro local] para conseguir um lote para construir uma creche tinha de tá de gosto com o prefeito. (...) a vontade de ser cristão independente que não tivesse amarrado nesse tipo de compromisso, e no Petrolândia eu senti muito a vontade para poder participar da Associação, pra poder fazer oposição ao poder público, pra poder colocar o que eu penso enquanto político, cidadão.

○ imaginário religioso de jovens de uma região operária da grande Belo Horizonte, nos anos 90

Sandra Pereira Tosta

uma coisa que eu acho é que a Igreja sempre caminhou junto com o povo, acho bonito isso aqui da Igreja de Petrolândia, quando chegamos tinha um grupo e sempre caminhou juntos.

Desde os primeiros dias que eu vim para Petrolândia me entusiasmei assim que eu vi que tinha o canal de ser cristão.

A existência da comunidade liga-se a uma memória de acontecimentos, de lutas e de conquistas. Desde acontecimentos remotos vinculados à biografia pessoal, como aqueles mais recentes e articulados à história do grupo, nos quais a experiência religiosa tem centralidade e funciona como um ritual que poderia remontar, no tempo, esta memória que se faz coletiva.

Tanto que emerge, freqüentemente, da fala dos jovens, um certo ressentimento e preocupação com a descontinuidade dessa memória por parte de moradores recém-chegados ao bairro. Como não participaram da história do bairro e pouco se interessavam por conhecê-la, não compartilhavam o espírito comunitário e o estilo de participação que marcaram as duas CEBs. A comunidade, nesse sentido, é atualização e realização da memória de uma história que não se quer esquecida e que se refaz permanentemente na ritualização da experiência de vida e religiosa, particularmente na missa e no culto, mas também nos círculos de oração, nos encontros de grupos juvenis etc.. Daí, a importância do rito que, na interpretação de Sanchis, "olha o passado e resgata o presente ligando-o à sua origem".

A comunidade, para alguns de nossos informantes jovens, também, significava um projeto de vida pontuado por lutas e conquistas, mediadas, na sua maioria, pela igreja local e através do qual se exerce a cidadania, a exemplo do que lembraram alguns deles:

basta a gente assistir aqui as celebrações a gente vê assim claramente que é uma comunidade que avança, que tem objetivo, que tem uma linha bem definida de conquista de sociedade, orientada, essa resistência ficou apaixonante aqui.

No caso do Bairro Petrolândia, as lutas foram muitas, as conquistas nem tanto. Contudo é nos limites e nos avanços que esses movimentos coletivos propiciam que reside propriamente a possibilidade de construção e de consolidação da comunidade, que se torna, então, uma realização das lutas, ao mesmo tempo que sua expressão. Expressão da trajetória de um grupo social que se confunde com a da igreja local, ocorrendo um processo em que a experiência religiosa se expande e interage com outras dimensões da vida, influenciando-a e, ao mesmo tempo, é por ela sendo influenciada

Assim falam alguns dos jovens:

as caminhadas pra Prefeitura foram muitas, mas nós não desistimos enquanto não conseguimos a construção da escola. e os padre tava sempre junto, orientando e lutando com a gente.

e tem a praça, essa foi a maior de nossas lutas, nas missas a gente avisava das reuniões, das assembleias e todo mundo ficava sabendo e podia participar. Foi uma coisa bonita a tomada da praça...

As muitas histórias, a memória resgatada, as falas plenas de afetividade estavam sempre a contar fatos e acontecimentos fundamentais à vida do grupo, nos quais a participação da igreja local e mais que isso, a adesão por parte das pessoas a um projeto eclesial, evidenciavam relações de reciprocidade e de troca, não isentas de disputas e contradições. Relações que permearam a tessitura da vida e viabilizaram a existência da comunidade.

UM MECANISMO SIMBÓLICO DE ADAPTAÇÃO NA VIDA URBANA

Esta comunidade que se instaura e adquire maior visibilidade na experiência religiosa, tanto no nível do discurso como no das práticas, se expande para outras dimensões da vida cotidiana do grupo e se plasma na realização de outros eventos que também instauram redes de integração e de sociabilidade, como o lazer em suas diversas modalidades (as festas, os jogos, o teatro, a música, os clubes de mães e grupos

O imaginário religioso de jovens de uma região operária da grande Belo Horizonte, nos anos 90

Sandra Pereira Tosta

de jovens), a política com os grupos de formação e os partidos, os rituais de passagem como a celebração do nascimento, do aniversário, do casamento e da morte.

No bairro, um cenário comum era a realização de festas de aniversário nas quais a religião se fazia presente através de textos, de orações e de cantos. Tal como nas festas religiosas se faz o uso de ícones referentes às celebrações profanas, a exemplo das comemorações de Santo Antônio, São João e São Pedro, durante o mês de junho, que evocam romarias curtas e a louvação sagrada próprias da devoção popular. Assim, os terços, as novenas, as cantorias e os cultos retomam, no urbano, modos de celebração oriundos do meio rural, constituindo-se mecanismos simbólicos de compreensão e de adaptação na cidade.

É importante explicar como os vários grupos existentes no bairro, vinculados formalmente ou não à igreja local, se articulavam em torno de elementos como faixa etária, gênero, formas de pertencimento religioso e etnia, procurando manter laços de convivência remanescentes da vida na roça e que pareciam perdidos ou fora de lugar nas grandes cidades. O entorno da igreja ocupado pela praça e pelos principais pontos comerciais é o espaço do lazer, organizado ou não, do teatro, dos encontros motivados por relações de parentesco ou de vizinhança ou por outros laços identitários.

Desse modo, a comunidade se faz nesse enredo da rua e da casa, do interior da igreja e do seu exterior, onde são tecidas redes de interação e de sociabilidade, tendo como um dos mediadores a vivência religiosa nas diversas expressões que ela adquiria no bairro. Essa *comunidade* imaginária encontra seu correspondente no real e se realiza nas Comunidades Eclesiais de Base. Tanto que existia uma diferença clara entre os significados da CEBs postos nas falas dos jovens quando comparados à visão de moradores em geral, que não pertenciam à CEBs. Assim, nem o bairro e nem a paróquia, como um todo, são uma comu-

nidade, em que pese essa possibilidade estar posta de modo recorrente nos discursos dos sacerdotes e das lideranças que compartilham das CEBs. Mesmo porque, como foi visto ao longo desta pesquisa, o campo religioso em Petrolândia é complexo, rico e seus atores engendram dinâmicas nem sempre solidárias e semelhantes, mas concorrenciais e contrastantes.

Todavia, se as CEBs não são a paróquia e nem o bairro, as formas como a religião nelas se expressa e se vivencia devem ser na e da paróquia. E são a missa e o culto, principalmente, que, dentro dos limites institucionais prescritos para esses rituais, têm uma ação mais permanente e consistente na redefinição e re-significação de repertórios e linguagens. Rituais que se apropriam de códigos tradicionais e modernos promovendo uma hibridação cultural que, como explica Canclini (1997), não autoriza a afirmar a supressão de um passado em favor de um presente. Diríamos que missa e culto, no contexto de campo religioso em Petrolândia, são como territórios onde as comunidades de base, e especialmente os jovens que dela participam, ao se realizarem, se apropriam desses rituais e os interpretam à luz de suas práticas, projetos e sonhos inscritos no passado e atualizados no presente, configurando a *comunidade* em sua expressão mais viva.

Considerações Finais

A indagação que permeou a pesquisa e nos orientou foi a de buscar a compreensão do imaginário como modo de se entender os significados da experiência religiosa no cotidiano daqueles jovens entrevistados no desenrolar da pesquisa, principalmente aquele referente a representação da *comunidade*. Pudemos perceber e interpretar que em sua memória persistiam traços que lhes permitiam expressar, na urdidura de sua história, o projeto de realização de uma comunidade posta no tempo e no imaginário, também, da instituição católica, e que encontrou seu correspondente no imaginário e no tempo desse grupo de jovens fiéis.

O imaginário religioso de jovens de uma região operária da grande Belo Horizonte, nos anos 90

As Comunidades Eclesiais de Base adquiriram, do ponto de vista pedagógico e de forma (o tipo de organização), o lugar no urbano para realização desse projeto. E se é verdade que tudo para a instituição católica é comunidade, ou seja, este é seu maior significado que remete para a "construção de uma Terra comunhonal ('a comunidade') que se simboliza e se realiza o Reino de Deus" (Sanchis, 1986: 15), é verdade tam-

bém que é na concretude do *mundo vivido* que os significantes instituídos pela hierarquia da igreja ganham significações e (re) significações e se enraízam na vida social.

Finalizando, resta-nos dizer que nas possibilidades e nas indagações que esta pesquisa propiciou, faz-se necessário parafrasear Mauss e lembrar que "ainda há muitas luas mortas, ou pálidas, ou obscuras no firmamento da razão".

O imaginário religioso de jovens de uma região operária da grande Belo Horizonte, nos anos 90

Sandra Pereira Tos

Notas

¹ Conforme TOSTA, Sandra de Fátima Pereira, Os rituais da missa e do culto vistos do lado de fora do altar.... Tese. Antropologia Social. São Paulo, USP, 1997.

Referência Bibliográfica

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar colher comer*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Ciências Sociais, 1981.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DURKHEIM, E. *As Formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HAMELINE, Jean-Yves. *Selction de textes sociologiques*. Paris: La Maison-Dieu, 1971, n.º 106.

MACEDO, Carmem Cinira. *Tempo de gênese*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Introdução de Claude Lévi-Strauss. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *A Prece*. In: *Mauss, Antropologia*. OLIVEIRA, R. C. de. (org.). São Paulo: Ática, 1979, Coleção Grandes Cientistas Sociais.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (org.). FER- NANDES, Florestan (coord.). *Mauss*. São Paulo: Ática, 1979, Coleção grandes Cientistas Sociais, n. 11.

SANCHIS. *Uma identidade católica ?*. Cadernos do ISER, Rio de Janeiro, (22): 5-16, 1986.

TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

O imaginário religioso de jovens de uma região operária da grande Belo Horizonte, nos anos 90

Sandra Pereira Tosta

